

## **CRISTOLOGIA DE RUDOLF STEINER**

*Dr. Bernardo Kaliks*

*Texto originalmente publicado no Periódico nº 52 da FEWB em abril de 2011*

A pesquisa antropológica do espírito levou ao descobrimento de estados extraordinariamente primitivos do homem, da Terra e do cosmo anteriores às descrições das ciências naturais, e que foram se transformando através das épocas e dos tempos e se condicionando reciprocamente nas respectivas situações em que cada um desses três se encontravam; e tudo isso acontecendo de tal maneira, que Rudolf Steiner pôde falar de uma evolução do homem, da Terra e do cosmo, aproximadamente de mesma maneira em que as ciências naturais, desde Darwin, falam de uma evolução.

Tanto em Darwin como em Steiner o exame dos fatos empíricos (os fatos empíricos do mundo suprassensível para Steiner e os fatos empíricos do mundo sensível para Darwin) mostrou que determinados momentos dessa “evolução” estavam numa determinada relação com acontecimentos anteriores a eles e numa determinada relação com acontecimentos posteriores a eles, de tal maneira que o pensamento de uma “evolução” é o pensamento mais coerente para ordenar esses fenômenos no tempo, nas suas relações recíprocas.

Porém, e principalmente para a pesquisa antropológica do suprassensível, essas relações recíprocas entre os diversos estados sucessivos dessa evolução são muito mais complexas de serem examinadas, pois estados que podemos caracterizar como recentes podem representar transformações diretas de estados muito mais antigos que os imediatamente anteriores a eles; de maneira que essa evolução não pode ser pensada como algo linear, algo assim como “do menos perfeito” para o “mais perfeito”, pois isto representa apenas uma especulação, incoerente com os fatos empíricos que mostra a pesquisa antropológica. O mais imperfeito de uma época pode representar a chance para o desenvolvimento de algo bem mais perfeito em épocas futuras, e o mais perfeito pode representar uma incapacidade para novas transformações.

Devemos aqui destacar que Rudolf Steiner se limitou a expor os resultados da sua pesquisa. Ele nunca enquadrou essas observações num conceito abstrato: ele nunca escreveu uma “teoria da evolução”. É bom repetir isto: ele descreveu fatos empíricos que se deixam enquadrar dentro de um conceito de evolução como o que já se tinha desenvolvido, esplendidamente, dentro das próprias ciências naturais.

Dentro dos fatos evidenciados pela pesquisa espiritual antropológica em relação com esta evolução do homem, da Terra e do cosmo, está aquele fenômeno que Rudolf Steiner caracterizou com o nome de “Mistério do Gólgota”, e que tem a ver com os acontecimentos relacionados com aquele indivíduo humano que foi Jesus de Nazaré e mais tarde com essa entidade suprassensível que é o Cristo, e que representam o núcleo da concepção religiosa cristã. Este “Mistério do Gólgota” foi um achado da pesquisa suprassensível de Rudolf Steiner: como tal, como esse achado, ele não tem conexão alguma com a tradição religiosa cristã. Porém, evidentemente, na medida em que Rudolf Steiner aprofundava as dimensões desse descobrimento, ele olhava para os textos dos evangelhos reconhecendo com sagrada admiração que eles eram totalmente coerentes com os fatos antropológicos e evolutivos pesquisados por ele.

Na continuação tentarei expor alguns fatos da evolução humana, buscando mostrar como, evolutivamente, se enquadra dentro dela o Mistério do Gólgota, sempre a partir do ponto de vista da Antroposofia.

Nos primórdios da aparição de qualquer existência física, a Antroposofia nos descreve a

existência de um cosmos suprassensível, espiritual, constituído por diversas entidades suprassensíveis, as hierarquias. Elas se encontram em determinadas relações recíprocas, relações que não estão determinadas pela liberdade; pois esta é uma qualidade que não existia naquelas épocas, mas estão claramente definidas pelo princípio de uma *necessidade*, algo assim como nas verdades dos matemáticos impera o princípio da necessidade e como nos fenômenos naturais também o reconhecemos. Em função dessas relações, determinadas entidades suprassensíveis (os Tronos) são levadas a realizar um sacrifício: o sacrifício de seu ser, da sua essência. E este fenômeno, algo completamente interno, se expressa na aparição de *calor*. Inicialmente um calor anímico que, gradualmente, se torna mais e mais físico, exterior, porém ainda sem “matéria”. Neste “espaço” de calor acontecem os fenômenos decisivos que levam à aparição dos primórdios do ser humano. Determinadas entidades suprassensíveis — os Arqueus — conseguem, graças a esse calor, desenvolver um estado de consciência muito semelhante ao estado de consciência do ser humano atual, que podemos caracterizar como de consciência do Eu, e isto ocorre graças a esse sutil calor físico que, por sua vez e desde o início, é permeado por características humanas: O corpo calórico daquela antiga condição cósmica constitui ao mesmo tempo o primórdio do corpo físico do ser humano. Na Antroposofia, se dá a esse cosmos primordial o nome de “Antigo Saturno”. Ele nada tem a ver com o planeta Saturno do nosso sistema solar e do nosso cosmos atual. Devemos ter presente que o calor não é só a primeira expressão da criação, mas inicialmente já era um calor humano. Esse corpo físico desse primeiro homem era um corpo de calor.

A complexidade de tudo isto é enorme, pois inúmeros seres suprassensíveis estão agindo dentro deste espaço inicial, tanto no mundo sensível daquela época — o calor —, como no mundo suprassensível de então.

Numa segunda etapa cósmica, determinados seres que na primeira etapa tinham uma consciência abrangente de todo aquele cosmo processado pelos Tronos, passaram agora a ter uma consciência daquilo tudo como consciência de si próprios: são os Kyriotetes. Isso representa uma mudança que, por um lado, leva à aparição de luz nesse cosmo de calor que estava permanentemente em trevas, e por outro lado, leva a uma manifestação física mais densa que o puro calor: o estado aeriforme; um estado, porém, não tão material como o ar de hoje ou quase imaterial. A ordem que existia nessas condições ameaça perder, por essa condensação, a sua regularidade; e ela consegue ser conservada na medida que essa nova consciência das entidades mencionadas se processa para o exterior como uma luz, que aparece e desaparece, aparece e desaparece, ordenando todos os fenômenos daquele cosmo com uma regularidade notável: o ritmo. O ritmo é o fenômeno central que caracteriza os organismos vivos. Um organismo vivo é uma estrutura cuja fisiologia se processa como atividades rítmicas. E esta é a natureza do etérico. Aqueles corpos físicos humanos ficam agora impregnados de vida. Assim, temos organismos com corpo físico e etérico: se trata dos seres humanos daquele antigo estado cósmico, o segundo nessa enorme evolução e conhecido na Antroposofia como “Antigo Sol”. O corpo físico daquele antigo ser humano estava constituído, nessa fase, por calor e ar (ou “fogo” e “ar”). Essa condensação até o ar permite que determinadas entidades suprassensíveis chamadas de “arcanjos” possam se elevar a um estado de consciência semelhante à consciência do Eu do homem atual, tal maneira que o etérico daquele estado tem desde o início uma assinatura humana. Devemos ter presente que um estado de consciência equivalente ao estado de consciência do Eu do homem atual representa a existência de uma resistência que é dada por algo físico: no antigo Saturno era o calor físico para os arqueus; no antigo Sol era o ar para os arcanjos. Porém esse “ar” já é algo muito denso para determinadas entidades suprassensíveis. E, ainda que muito pequeno, existia certo risco de que a estrutura física daquele ser humano ficasse desvinculada ou mal vinculada com a sua organização suprassensível, como foi indicado acima, o qual teria trazido a sua desintegração. Aquele ritmo mencionado acima, vinculado à luz, resolveu esse problema. De qualquer forma, nem todos os corpos físicos receberam uma estrutura etérica: aqueles que não a receberam se constituíram no broto do futuro reino animal.

As transformações continuam e o antigo cosmos solar é substituído por um novo cosmos, o terceiro em relação com a evolução humana e conhecido na Antroposofia como “antigo cosmos lunar” ou “antiga lua”. Aqui, novas entidades suprassensíveis, conhecidas como “anjos”, avançam para um estado de consciência equivalente à consciência do Eu do homem atual graças a que surge uma nova condensação: surge o elemento aquoso, e desta vez ele é bastante parecido já com o elemento aquoso atual. Com isto, à condição física anterior se agrega o movimento exterior como expressão de uma vida interna de sensações que entra na consciência como expressão de um quimismo (apetites, desejos etc.) interno, quimismo que só acontece aí onde existe o elemento líquido, a água. Os corpos humanos passam a estar constituídos de calor, ar e água, e do ponto de vista dos membros essenciais encontramos neles um corpo físico, um corpo etérico e um corpo astral. Esta condição astral, central na configuração do “cosmos da lua” ou “antiga lua”, surge a partir da atividade de determinadas entidades que têm o nome de “espíritos do movimento” ou “Dynamis”; ela é a que traz essa vida interna de sensações.

Nesta “antiga lua” encontramos três reinos na natureza: um reino humano/animal, um reino animal/vegetal e um reino vegetal/mineral.

Os seres humanos da época lunar tinham uma organização física muito densa, - apesar de ser a água o elemento mais denso da sua organização, de maneira que existia uma importante dificuldade para processar a sua organização suprassensível dentro dela, também na medida em que paralelamente esse tipo de organização física respondia pela densidade física necessária para que os “anjos” desenvolvessem a sua consciência do Eu. Realmente, se pode afirmar que o ser humano era mais um espaço de encontro e interação entre as hierarquias. E nessa época, a organização humana corre decisivamente o risco de se corromper ao ficar desligada daquelas forças suprassensíveis que se organizam como o seu corpo astral. Este corpo astral “ameaça” desenvolver uma vida interior própria vinculada ao fato de que essas determinadas entidades, os anjos, desenvolvem a “consciência” do Eu. Isso teria significado a desagregação progressiva daquele ser proto-humano. Isso foi compensado com o desenvolvimento de uma severa regularidade rítmica dentro desse cosmos lunar, de tal maneira que o corpo humano pode se vincular regularmente com as forças astrais emanadas pelas entidades superiores, os Dynamis, e conservar assim a organização do seu corpo físico como um corpo físico humano.

E na medida que essas condições do antigo cosmos lunar se vão nivelando mais e mais, esse cosmos começa a desaparecer.

E numa quarta etapa surge o cosmos atual, onde gradualmente se desenvolvem o nosso sistema solar e o planeta Terra como os conhecemos hoje.

Após complexos processos de repetição dos estados cósmicos anteriores se inicia a verdadeira evolução terrestre. Porém ela já começa afetada pelo fato de que na repetição do antigo cosmos lunar acontecem situações que acabam deslocando os corpos dos organismos humanos das fontes da sua organização suprassensível, ficando esses organismos presos a movimentos brutais da sua astralidade, os quais, com o tempo, os teria extinguido.

Nesta quarta etapa da evolução é o próprio ser humano que deve se elevar à consciência do Eu e isto acontece em coerência com uma densificação ainda maior do corpo físico, que pela primeira vez apresenta inclusões realmente materiais, minerais, no sentido atual.

O próprio reino mineral surge só agora na evolução propriamente terrestre. As substâncias propriamente minerais da terra surgem agora vinculadas a um processo de desintegração das formas viventes que povoavam com uma enorme densidade grande parte do planeta. Mas, o endurecimento que toma conta da organização física humana vai minando a possibilidade do homem processar a sua forma física desde o suprassensível. Para acordar a sua própria consciência

de Eu, o homem precisava de um corpo físico apropriado para isso. E assim acontece que, graças a atividade de determinadas entidades suprassensíveis, os Exusiai ou Espíritos da Forma, e particularmente graças à atividade de um deles conhecido como Jehová, o ser humano incorpora ao Seu corpo uma organização do Eu, que é o que se expressa no andar ereto, o falar e o pensar. Esta organização para o Eu é uma organização física e ela passa para as novas gerações através da hereditariedade. Graças a ela, o homem desenvolve na Terra, gradualmente, a consciência do Eu.

Isto permite que o ser humano possa processar, dentro de certos limites e dentro de si, o suprassensível, mas isto não iria perdurar muito tempo, pois a mineralização progressiva tanto do planeta Terra como do próprio organismo humano torna menos e menos possível essa ligação com o suprassensível, que, para ser atingida pelo homem, começa a exigir procedimentos (iniciações) cada vez mais e mais severos. Inicialmente, a forma humana fica decisivamente consolidada graças aos Exusiai, e ela atinge o máximo da sua perfeição na época grega. Porém é nesta época grega que os mistérios definitivamente se obscurecem e se fecham. Era óbvio que por esse caminho e apesar de todo esse desenvolvimento do Eu, o ser humano não teria a capacidade, a partir de si, de sustentar a sua forma: era óbvio que em algum momento surgiria uma decadência profunda e rápida dela pelo afastamento quase total do homem da sua natureza suprassensível.

Mas, se nós olhamos de um ponto de vista bem posterior, digamos, desde o século XX para trás, percebemos com admiração e espanto que essa decadência na organização física do homem não se consumou, ou não se consumou ainda. Desde as condições de todo esse passado descrito acima, esse fato é incompreensível. Algo deve ter acontecido nesse intervalo, desde o início da época grega, que mudou radicalmente o curso da evolução, algo que provocou uma verdadeira “virada dos tempos”.

O que primeiro espanta ao se fazer essa observação é que o homem parece ter novamente a chance de se ligar com o suprassensível, o que durante alguns milénios foi impossível. A segunda coisa que espanta é que essa ligação é absolutamente livre: se ele quer, a faz; se a ignora ou não quer, não a faz. Tudo o que se processava e se processou desde o passado dentro do princípio de uma “necessidade” absoluta, como uma força da natureza, acabou, se esgotou. Esse “acabou” é, ao mesmo tempo, algo assim como a morte. A virada acontece no núcleo desse “acabou”, na própria experiência da morte e desde a própria experiência da morte. Dentro do contexto macrocósmico também se tinha processado um fim, em função da impossibilidade desses seres e essas forças suprassensíveis processarem sua atividade também como mundo físico. A força para resgatar todo esse movimento deveria vir desse próprio mundo físico, do próprio ser humano. Devemos ter muito claro que o biológico, diferentemente do que aconteceu até metade da época atlante, não sustenta mais a evolução do homem, pelo contrário, qualquer apelo ao que está vinculado com o biológico, com o hereditário, com o racial é algo devastador para o ser humano. O ser humano só pode sustentar a sua evolução na medida em que cada indivíduo humano faça o esforço de se ligar conscientemente e pela própria vontade com o suprassensível. Mas esta ligação é inviável se o homem, durante ela, não conservar a consciência de si próprio. Pois o homem deve processar essa ligação conscientemente, em cada momento, e isso não é possível sem essa consciência de si próprio.

A consciência de si próprio, aqui, no mundo físico, está vinculada exclusivamente à própria natureza do corpo físico. O mesmo acontece nos mundos suprassensíveis, só que nesses mundos o propriamente físico deve estar espiritualizado. Essa espiritualização do corpo físico só pode ser processada no dia a dia da consciência da vigília, e só na medida em que cada pessoa se vincule, em liberdade, com aquele fenômeno da evolução que Rudolf Steiner chamou de “Mistério do Gólgota”. Este Mistério é de uma dimensão extraordinariamente ampla e profunda e é uma ousadia pretender caracterizá-lo com um par de palavras. Ele está vinculado ao fato de que uma entidade suprassensível, de uma esfera que está além das hierarquias, desce através de todas as

esferas e se vincula fisicamente com a Terra. Se trata do Cristo, que se encarna, no momento do batismo do Jordão, num homem, Jesus de Nazaré, e passa pela experiência da morte na cruz; experiência, até aquele momento, absolutamente desconhecida para os mundos suprassensíveis. E não só não sucumbe junto com o corpo dentro dessa experiência, mas levanta este, totalmente espiritualizado, e o leva consigo para os mundos suprassensíveis: isso é o que se entende como “ressurreição”.

Então, na medida em que uma pessoa se liga com o que esse fenômeno — a ressurreição — representa, ela passa a levar consigo, passo a passo, algo da sua própria dimensão física para os mundos espirituais. Por isso ela irá conservando mais e mais a consciência de si própria nesses mundos e graças a isso lembrará cada vez mais a sua existência nos mundos suprassensíveis quando estiver encarnado aqui na Terra. O Mistério do Gólgota ligou assim os mundos suprassensíveis com a existência aqui na terra, e o próprio ser humano pode acessar essa ligação a partir da própria consciência e no espaço de impulsos de um amor mais e mais abrangente, quer dizer, em atos de total liberdade.

A evolução do homem deixa, assim, de ser movimentada a partir da necessidade, como se fosse um fenômeno da natureza, e passa a ser movimentada a partir da liberdade, individualmente então. Ela é uma realidade que se processara só na medida em que o ser humano assim o queira.

E isto representa, evidentemente, uma virada radical dos tempos. De acordo com as pesquisas de Rudolf Steiner, este acontecimento relacionado com o Gólgota deveria ter acontecido já na metade da época atlante; mas ele não foi processado nessa época pelas circunstâncias evolutivas desse momento, e foi assim que veio a acontecer numa época extraordinariamente recente, há apenas 2000 anos atrás, na quarta época cultural pós-atlante, a época greco-romana. Com certeza, o fato de ter acontecido tão deslocado no tempo é o que abriu totalmente as portas para essa realidade do próprio ser humano assumir a evolução, em total liberdade.

A percepção do Mistério do Gólgota como um acontecimento antropológico-evolutivo é ainda algo muito difícil. Ele continua a ser contemplado só do ponto de vista da revelação e da tradição religiosas, o qual é logicamente legítimo. Mas, devemos ter muito claro que na Antroposofia esse acontecimento aparece como fenômeno central da evolução do cosmos e do homem e é daí que o trouxe Rudolf Steiner para a nossa consciência.

E para terminar repetimos o que mencionamos mais acima. Foi um gesto de sagrada admiração aquele que surge no fundador da Antroposofia quando, depois das suas investigações, ele reconhece a coerência da revelação religiosa nos Evangelhos com os resultados da sua própria pesquisa.

***O autor:*** Dr. Bernardo Kaliks é médico antroposófico, primeiro médico convidado para atuar na Clínica Tobias em São Paulo; palestrante; já publicou inúmeros artigos sobre a medicina antroposófica e as bases da antroposofia; docente nos cursos de formação médica e de terapias antroposóficas; docente convidado no Centro de Formação de Professores Waldorf.